

# Famosa escritora, Prêmio Nobel de Literatura, fala francamente sobre as implicações da “nova moralidade”

Condensado de FAMILY WEEKLY

## A Pílula e a Jovem Solteira

PEARL S. BUCK

*Autora de “A Boa Terra”, “As Sementes do Dragão” e outros livros*

**N**A SALA DE visitas de minha casa duas senhoras me esperam. Temos um encontro para discutir a situação das crianças filhas de soldados americanos e jovens asiáticas, mas a primeira observação me surpreende.

—Estávamos discutindo “A Pílula”—diz uma das senhoras, tôda animada.

Todos sabem o que é A Pílula. É tão pequena—e não obstante, o seu efeito potencial sobre a nossa sociedade pode ser mais devastador do que o da bomba nuclear.

—Acho A Pílula pouco prática para os países asiáticos—digo.

Elas riem.

—Nós não estamos pensando nas moças asiáticas—diz uma delas.—

Estamos pensando em nossas próprias filhas.

Conheço as filhas delas. São encantadoras, bem-educadas e ainda não têm 20 anos.

—A senhora não está querendo dizer que Pat e Sue pensariam . . .

—Nós não podemos ter certeza—diz a mais idosa.—E acho preferível Sue tomar A Pílula a correr o risco de um filho ilegítimo.

Passamos uma hora em conversa intensa e agitada. Eu ouvia. Para estas mães o problema é real; a nova maneira de suas filhas encararem o problema sexual, uma transformação ocorrida bruscamente com o aparecimento da Pílula.

A Pílula não é novidade para mim, que tenho sete filhas: as três menores



têm menos de 20 anos. Ocorre-me agora, enquanto escrevo, perguntar a opinião delas a respeito. Mando chamar as duas que estão em casa, uma de 16 e a outra de 17 anos.

—Que fazem as amigas de vocês a respeito da Pílula?—perguntolhes.—E, por falar nisso, o que é que vocês fazem?

Elas são francas, como sempre. A de 17 anos, alegre, expansiva, e por vêzes malcriada, responde prontamente:

—Algumas das garôtas usam. A maioria delas acha que se uma menina ama um rapaz, ou mesmo se apenas gosta dêle, então não há problema.

—E você?

—Eu ainda não gostei tanto assim de nenhum rapaz. E não sei o que faria se gostasse. Talvez ainda preferisse primeiro casar-me com êle. É . . . acho que preferia isso mesmo.

—Por quê?

Ela hesita um pouco e minha filha mais môça, tranqüila e pensativa, dá sua opinião:

—Acho que depende da môça. Acho que eu não usaria A Pílula. De certo modo, me pareceria estar interferindo com a vida: com a vida de alguém.

Posso entender. Ela é filha de um soldado americano. A verdadeira mãe dela é japonesa. Minhas quatro filhas adotivas mais môças são filhas de soldados americanos e mães asiáticas. Têm plena consciência do direito que a criança tem de nascer num bom lar, com pai e mãe aguar-

dando sua chegada. A Pílula não as tenta.

—Não importa o que as outras façam—digo eu—a questão é saber se você acha certo ou errado as môças usarem a Pílula. É isso que eu quero saber.

—Não podemos dizer o que é certo ou errado, a não ser para nós mesmas—diz a mais alegre das duas.

E daí não passam. Dêste ponto em diante, por enquanto, elas não têm respostas. Fico novamente só com meus pensamentos.

A função da Pílula, naturalmente, é tornar o ato sexual “seguro”, tanto antes ou durante o casamento; “seguro”, aqui, significa evitar a gravidez. Para mim, o melhor argumento contra as relações sexuais antes do casamento sempre foi a possibilidade de ter um filho. Agora, porém, apareceu A Pílula. Se uma môça fizer uso continuado dela, estará livre da ameaça de um filho ilegítimo. *Mas estará ela livre da responsabilidade?*

O que é o ato sexual, quando não representa mais que um alívio ou um passatempo? Não é nada—é menos que nada. Torna-se enfadonho e até repugnante. Pensem na prostituta e na sua penosa ronda noite após noite. Que maneira desgraçada e estúpida de ganhar o pão, que vida cruel e sem alegria—uma vida de cão!

Consideremos o homem ou mulher promíscuos: Passam de um “caso” para outro, mas não deixam de ser apenas “casos”, a menos que haja amor—amor sincero, recíproco



e profundamente arraigado. A relação sexual é a comunicação mais íntima possível entre dois seres humanos, e se praticada com indiferença ou leviandade é enorme a degradação. Não conheço um só homem ou mulher promíscuo que não demonstre isso em seu comportamento: as qualidades espirituais desapareceram; o homem, ou a mulher, é um animal.

O principal mandamento da “nova moralidade”, portanto, é que a finalidade desta relação íntima entre um homem e uma mulher não seja a mera satisfação fisiológica. Se êsses atos íntimos já tiverem sido praticados em outras circunstâncias e tiverem perdido o significado de uma comunicação profunda, então o casamento—que ainda é a mais completa e a mais satisfatória das relações humanas—será privado de seu significado pleno.

Neste ponto, faço uma pausa. A porta se abre, e entra a minha filha casada. Ela tem cinco filhos. É, além disso, a confidente das minhas filhas adolescentes.

—Leia-me o que está escrevendo—ordena.

Mãe obediente, começo a ler. Ela ouve, atenta a cada palavra. Sua inteligência é perspicaz e incisiva. Não tem medo de elogiar nem de criticar. Quando termino, ela fala:

—Você não contou o verdadeiro motivo pelo qual A Pílula está ao alcance das mocinhas de hoje. O verdadeiro motivo é que as mães e os pais simplesmente não desejam

preocupar-se com os filhos. Não perguntam aonde suas filhas vão, nem com quem, nem tampouco estabelecem um horário para estarem em casa. Eu conheço essas mães! Vivem tão ocupadas com suas próprias vidas, seus empregos, suas festas, seus clubes, que simplesmente preferem fornecer A Pílula às suas filhas. E as filhas sabem disso.

Lembro-me das duas senhoras na sala de visitas. Sim, elas andam ocupadas com a sua própria vida social.

—E o que é pior ainda—prosegue minha filha, impetuosa, séria, zangada—é que algumas mães acham que se as filhas não tiveram um rapaz para cortejá-las, ficarão humilhadas. Eu conheço uma mulher aqui em nossa própria cidade, que obteve A Pílula do seu médico porque a filha está planejando ir a um acampamento com outros jovens. A môça não é bonita, nem sempre tem namorado, e a mãe quer que ela “se divirta”.

—Que podem fazer os jovens, se os pais são assim?—concluiu ela. —É claro que êles não podem ter padrões morais se os mais velhos não os têm.

Cometo a crueldade de lembrar-lhe, embora delicadamente, certos incidentes de quando ela era mocinha e bonita.

—Lembra-se das nossas discussões? Ela ri.

—É claro que me lembro! E estou bastante amadurecida agora para saber que você tinha razão. Já o



sabia naquela época. Acho que eu me sentia orgulhosa de saber que você se interessava por mim a ponto de insistir em conhecer o rapaz, saber aonde a gente ia, e a hora em que eu voltaria para casa.

Então o que é a “nova moralidade”? É simplesmente que, embora os costumes possam mudar, os princípios eternos perduram. Consultado, certa vez, por um discípulo, sobre se determinada linha de conduta era “um bom modo de vida”, o grande sábio da Antiguidade, Lao-tsé, respondeu: “É um modo, mas não o modo eterno.” O modo eterno consiste em nos mantermos fiéis a dois princípios simples e profundos: integridade pessoal e respeito pelos outros.

Não pode existir integridade a não ser com base na autodisciplina, numa vida controlada e regrada, no equilíbrio exato entre o ser físico, mental e espiritual. Uma ênfase exagerada em qualquer dos três aspectos des-

truirá o equilíbrio do todo e prejudicará a personalidade.

Respeito pelos outros? Isso quer dizer que não devemos fazer nada que destrua êsse mesmo equilíbrio em outra personalidade humana.

Acham vago? Creio que não! Dentro de cada um de nós existe o conhecimento do que pode ser o nosso verdadeiro eu. É na “nova moralidade” o marco indicador continua sendo o que sempre foi: “Sê sincero contigo mesmo.” Quanto aos outros, há muito tempo um homem chamado Immanuel Kant reuniu numa única frase a grande Lei Moral, ou Imperativo Categórico. Qualquer coisa que você faça, disse êle, pense primeiro se você concordaria com que todo o mundo fizesse o mesmo.

A palavra essencial é responsabilidade—responsabilidade por nós mesmos, cada um dos nossos atos e seu efeito sobre a nossa pessoa e sobre os outros. Êste é o modo eterno.



DIANTE do Palácio de Christiansborg, edifício do Parlamento da Dinamarca, em Copenhague, há três estátuas de pedra de guarda à entrada. Representam a dor de ouvido, a dor de cabeça e a dor de estômago.

—Estão aqui para sugerir—disse irônicamente um dinamarquês—que se a pessoa entrar para a política, terá as três.

—Marie Fraser, em *Indiana Teacher*

MARTINHO LUTERO: Nosso Senhor escreveu a promessa da Ressurreição, não só nos livros, mas também em cada fôlha na primavera.

ACHO QUE em algum lugar deve estar escrito que as virtudes das mães recairão sobre seus filhos, assim como os pecados dos pais. —Charles Dickens